

A MODALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NO GÊNERO CHARGE

Ruth Marcela Bown Cuello – Universidade Federal da Paraíba
rmbown@hotmail.com

1 Introdução

O presente artigo trata da modalização como uma estratégia semântico argumentativa no gênero discursivo charge. Analisa o discurso verbal no gênero, com o objetivo de identificar, descrever e interpretar as formas linguísticas marcadas neste gênero, principalmente os modalizadores do discurso. Também analisa o discurso não verbal que é indispensável para compreender uma charge. O nosso intuito é tentar buscar o que está subjacente às charges; qual é a crítica veiculada; analisar as marcas linguísticas para levantar algumas hipóteses sobre a intenção do autor.

Fundamenta-se, principalmente, na teoria sobre os gêneros do discurso proposta por Bakhtin (2011) e nos teóricos que discutem o fenômeno da modalização, tais como Castilho e Castilho (2002) e Koch (2011) e Nascimento (2012). Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e segue uma abordagem de cunho qualitativo apoiada na orientação metodológica proposta pelos princípios bakhtinianos, observando os seguintes aspectos: conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional. Logo as charges são analisadas à luz dos modalizadores do discurso (epistêmicos, deônticos, avaliativos, delimitadores) para mostrar como a argumentação é processada no referido gênero.

Segundo Nascimento e da Silva (2012) a modalização pode ser vista como “um ato de fala particular que permite ao locutor, além de deixar as marcas de suas intenções agir em função do seu interlocutor”. Escolhemos o gênero charge porque é um gênero em que a argumentatividade é mais explícita, como afirmado por Nascimento (2012).

Como a charge costuma refletir fatos político e sociais de um determinado momento histórico foram escolhidas três charges de autores e temas diferentes para analisar. Os resultados parciais indicam que a charge como gênero discursivo apresenta marcas das intenções do autor, que muitas vezes o leitor não percebe. Existe quase

sempre ironia, algumas vezes não compreendida pelo leitor, por isso este gênero é de difícil leitura e exige do leitor conhecimento de mundo e estar informado dos acontecimentos históricos e sociais do momento.

2 Marco teórico

2.1 Caracterizando o gênero Charge

Os gêneros são definidos por Bakhtin a través das características básicas próprias de cada um, portanto definiremos a charge considerando os três aspectos por ele estabelecidos para a definição de um gênero: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional.

No caso do gênero charge o conteúdo temático ou assuntos tratados nela são muito variados, mas, principalmente giram em torno de assuntos tais como política e sociedade, geralmente inclui uma crítica social.

Com relação ao estilo verbal, a pesar da charge se caracterizar por usar uma linguagem não verbal mesclada, mas, não sempre, com a linguagem verbal, é um gênero que segundo Bakhtin (1997:282) se enquadra dentro dos gêneros secundários ou mais complexos, já que aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Utiliza-se da Ironia ou de situações absurdas e geralmente é preciso de um raciocínio mais elaborado para compreendê-la.

Enquanto texto de circulação social, a charge apresenta recortes de notícias já divulgadas relacionadas ao meio político, econômico e social fazendo uso de diversos recursos linguísticos tais como: lexical, fraseológicos, gramaticais, caricaturas, imagens metafóricas, frases de efeito e ironia.

Na charge podem ser usados tanto o tratamento formal como o informal, dependendo do assunto tratado e dos personagens envolvidos nas mesmas. Veiculam um tipo de discurso humorístico, e conseqüentemente, um discurso crítico, principalmente quando apresenta como alvo fatos da vida política de um país.

Por último, quanto à construção composicional da charge, esta é curta, se apresenta em forma de um quadro com predomínio de imagens, geralmente coloridas. Não sempre aparece a linguagem verbal. Algumas charges utilizam caricaturas de personagens famosos provavelmente para facilitar a compreensão ou para provocar o riso.

A maioria das vezes mistura duas linguagens, harmoniosamente, verbal e não verbal. O fato de geralmente a charge utilizar duas linguagens nos proporciona a oportunidade de ler e interpretar imagens e pesquisar a argumentação em elas.

Outra característica da charge é que é temporal, ou seja, retrata fatos recentes por isso o leitor deve estar sempre informado para conseguir compreendê-la.

Segundo Marcuschi ...

“...cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação” “...todos os gêneros tem uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma”.

(Marcuschi, 2008:150)

O propósito do gênero textual charge é “atacar” como seu nome em francês o indica. Segundo Espíndola a charge tem a função social de criticar situações cotidianas da vida política e social de uma sociedade a través do humor gerado por vários recursos linguístico-discursivos.

Devido a este teor político, a charge não é fácil de ser compreendida. O leitor deve ter conhecimento de mundo para poder construir sentidos. Segundo Espindola (2001:110-111), o leitor deve identificar: os personagens e os fatos a que o texto faz referência, o contexto sócio, histórico e político do fato (quando houver), as circunstâncias, os elementos linguísticos (se houver) e as possíveis intenções do chargista.

A leitura e compreensão deste gênero provoca alguns efeitos de sentidos nos leitores ou interlocutores, efeitos que podem ser diversos e podem ser analisados sob diferentes óticas, dependendo do conhecimento de mundo ou da opção política, religiosa ou social de cada leitor. Para Bakhtin (1992 [1958-1961]) as relações dialógicas são relações de sentido entre os enunciados entre vozes discursivas ou sociais.

2.2 Modalização

A modalização é uma estratégia semântico-argumentativa e pragmática que se materializa nos gêneros do discurso, segundo Nascimento (2012). A teoria da modalização “explica como um locutor deixa registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguísticos, e, portanto, imprime o modo de como esse discurso deve ser lido” (Nascimento, 2009, p.37)

A Modalização é o fenômeno pelo qual o sujeito expressa e (ou) defende seu ponto de vista, faz participação ou se relaciona com o texto. É também uma forma de manifestação pelo qual o locutor expressa seus sentimentos. Através da modalização podemos perceber se o locutor deixa marcas de que acredita ou não em determinada suposto.

Pretendemos perceber a presença dos modalizadores no gênero textual “charge” que analisaremos através dos elementos linguísticos que os expressam. Esses modalizadores funcionam como marcadores de sentimentos e intenções com relação ao seu texto. Eles mostram o grau de envolvimento do locutor em relação ao conteúdo do texto.

Utilizamos como fundamentação autores como Ducrot e colaboradores (1988) Koch (2011); Nascimento (2012) entre outros, para embasarmos nosso trabalho. O referencial teórico utilizado mostra os processos de modalização na perspectiva linguística considerando que é um ato de fala particular, que permite ao locutor expressar sua subjetividade, o que pode ser observado a partir de determinados elementos linguístico-discursivos. Os autores citados também relatam a importância de se estudar as modalidades em situações reais de interação verbal.

Segundo Koch (2011), modalizar o discurso é uma estratégia que permite ao locutor assumir diversas atitudes frente ao enunciado, determinando seu maior ou menor grau de engajamento com relação ao que é dito, como também determinar o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores, além deixar pistas para o interlocutor quanto às intenções do locutor.

Ainda de acordo com Koch (2011), a modalização é parte constitutiva da linguagem e chega a questionar se há enunciados não modalizadores.

Koch (2011, p.84) apresenta uma lista de vários tipos de lexicalização das modalidades:

- a) performativos explícitos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito etc.;
- b) auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar etc.;
- c) predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável, etc.;
- d) advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente, etc.;
- e) formas verbais perifrásticas: dever, poder, querer + infinitivo;

- f) modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos de subjuntivo; uso do pretérito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada; uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade;
- g) verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho;
- h) Entonação: que permite, por exemplo, distinguir uma ordem de um pedido, na linguagem oral;
- i) operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo.

2.2 Tipos de Modalização

Nascimento e Silva (2012) agruparam esses elementos em quatro grandes grupos, considerando os efeitos de sentido que geram nos enunciados, ou na enunciação propriamente dita.

- Modalização Epistêmica
- Modalização Deôntica
- Modalização Avaliativa
- Modalização Delimitadora

2.2.1 Modalização Epistêmica

Esta ligada ao eixo do saber, das crenças que aparecem no enunciado quando vinculadas ao julgamento que o locutor expressa a respeito do conteúdo do enunciado. Abrange ideias como dúvida, certeza, possibilidade, probabilidade.

Estes modalizadores expressam uma avaliação sobre o valor e as condições de verdade do sobre o enunciado. Subdividem-se em três subclasses: asseverativos, quase asseverativos e habilitativos.

2.2.1.1 A Modalização Asseverativa – expressam que o locutor considera verdadeiro sobre o conteúdo enunciado, podendo ser visto em duas formas de modalidades:

São Asseverativos afirmativos: lógico, evidentemente, sem sombra de dúvidas, claro, entre outros.

São Asseverativos negativos: de forma alguma, de jeito nenhum.

2.2.1.2 A Modalização Quase Asseverativa – expressa que o locutor considera o conteúdo do enunciado como quase certo. Os exemplos mais comuns são: talvez, provavelmente, possivelmente, entre outros.

2.2.1.3 A Modalização Epistêmica Habilitativa - expressa a capacidade de algo ou alguém realizar o conteúdo do enunciado. Exemplo: Maria **pode** realizar essa tarefa. Ela tem conhecimento suficiente desse assunto.

2.2.2 Modalização Deontica

Segundo Castilho e Castilho (2002) os modalizadores deonticos indicam que o falante considera o conteúdo da proposição como algo que deve ou tem que ocorrer obrigatoriamente. Apresenta o que o locutor considera sobre como o assunto deve ser o que precisa ocorrer obrigatoriamente, ou seja, aquilo que se deve fazer.

2.2.2.1 Modalização Deontica de obrigatoriedade – quando apresenta o conteúdo do enunciado que deve acontecer obrigatoriamente e o interlocutor deve cumprir o que está expresso como obrigatório,

2.2.2.2 Modalização Deontica de proibição – quando o locutor apresenta como proibido o conteúdo do enunciado, e o interlocutor deve considerá-lo como tal.

2.2.2.3 Modalização Deontica de possibilidade – Expressa o conteúdo como algo facultativo ou dá a permissão para que algo aconteça

2.2.2.4 Modalização Deontica Volitiva - Nascimento (2012) observa que esta modalização por apresentar o conteúdo do enunciado como um desejo ou uma vontade pode funcionar como uma estratégia argumentativa bastante eficaz, já que preserva tanto a face do locutor como a do interlocutor, semelhante ao que faz o deontico de possibilidade. Através desse tipo de modalização se demonstra a vontade ou desejo do locutor.

2.2.3 Modalização Avaliativa

Segundo Nascimento (2012) modalização avaliativa é aquela em que o locutor expressa um juízo de valor a respeito do conteúdo do enunciado, excetuando-se

qualquer avaliação de caráter deôntico ou epistêmico. Alguns exemplos são as expressões curiosamente, infelizmente, felizmente, sinceramente, lamentavelmente, francamente, entre outras.

2.2.4 Modalização Delimitadora

A modalização delimitadora é aquela estabelece limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo do enunciado. Temos como exemplo: teoricamente, geograficamente etc.

3. Análise das Charges

Analisaremos 3 charges de diferentes autores e com diferentes temáticas, publicadas na internet em três momentos distintos.

Charge N° 1



http://www.sponholz.arq.br/html/index_charge_27.html Acesso em 13/09/2014

A charge N° 1 foi publicada no dia 25 de agosto de 2014, em plena campanha eleitoral, por Roque Sponholz, arquiteto, urbanista e cartunista.

Analisando a linguagem não verbal a charge mostra três pessoas, que por alguns rasgos característicos se sabe que são a presidente Dilma, sempre vestida de vermelho e

com uma estrela no peito que representa o seu partido político, o PT. Ela é reproduzida com grandes dentes, que é a sua característica mais sobressalente. Pela expressão do rosto de Dilma, ela está furiosa ao escutar as palavras proferidas pelo ex-presidente Lula, reconhecido na charge pela barba, as orelhas e as roupas vermelhas com uma estrela no peito ao igual que Dilma, já que ambos pertencem ao mesmo partido. Pela expressão do rosto, ele também está com raiva ou chateado o dedo parece estar balançando, expressando uma negativa. O terceiro personagem provavelmente é um assessor de Lula ou de Dilma, um guarda-costas ou uma pessoa que trabalha para o governo, ele está de óculos escuros e está segurando Dilma pelo braço.

Analisando a fala de Lula, encontramos algumas estratégias argumentativas, como por exemplo, verbos em imperativo nas seguintes expressões: “**segure** ela aí” e “**não a deixe** dar entrevista” o que caracteriza a modalização deôntica de obrigatoriedade, dado que, indica que o funcionário (guarda-costas) tem de obrigatoriamente realizar as ações “ordenadas” por Lula para este poder “ganhar” uma eleição que supostamente deveria ser de Dilma, mas, que na realidade é de Lula, já que ele mesmo fala “**eu vou** atrás do meu quarto mandato”. Esta última frase caracteriza a modalidade epistêmica asseverativa afirmativa, no sentido de que o verbo em presente “**vou**” nos dá a ideia de “certeza” Lula está determinado a ganhar, ele considera verdadeiro o conteúdo do enunciado.

O adverbio “**Principalmente**” está exercendo um papel “avaliativo” no sentido de Lula dar prioridade ao fato de proibir Dilma de dar entrevistas, ou seja, não abrir a boca, provavelmente, para não estragar a campanha. O locutor se utiliza da modalização avaliativa como forma de se posicionar no texto, expressando um ponto de vista ou fazendo uma avaliação (negativa) em relação à atuação de Dilma.

Por último os pontos de exclamação presentes na charge, na fala de Lula, nos dão ideia de ênfase de alguma coisa ou a identificação de um sentimento forte ou de volume alto (gritos), e tem a função de representar, por escrito, a entonação de exclamação do enunciado.

Charge N°2



<http://humortadela.bol.uol.com.br/charges> Acesso em 13/09/2014

Esta charge de Cartonauro retrata a violência na cidade de São Paulo. A linguagem não verbal descreve 4 homens provavelmente bandidos, devido a que se encontram fortemente armados com rifles de alto calibre e pistolas, e encapuzados. A expressão do rosto de 3 deles é de raiva, de maldade e o quarto tem cara de medo ou surpresa. No chão algumas capsulas de balas.

A charge nasce de uma manchete que afirma “Venda de carros blindados aumenta em São Paulo” e retrata uma realidade vivida nas grandes capitais do Brasil, neste caso São Paulo, onde as pessoas estão tentando se proteger da violência e principalmente de assaltos e balas perdidas através da blindagem dos carros particulares. Os bandidos querem uma percentagem dos ganhos da empresa de blindagem, já que são eles a causa principal do problema, são eles que fazem com que o cliente procure e pague pelo serviço de blindagem. São eles que “trabalham” duro para isso acontecer.

Na linguagem verbal (bem informal e típica das classes mais baixas) visualizamos a modalização deontica de obrigatoriedade na fala “nois **tem** que ir nas empresas de blindagem e **exigir** uma percentagem” o verbo “ter” caracteriza uma obrigatoriedade, o fato tem que ocorrer obrigatoriamente e o verbo “exigir” reforça ainda mais esta obrigatoriedade.

Na resposta do outro bandido encontramos uma modalização asseverativa afirmativa quando concorda com a fala do seu interlocutor expressando “é **isso mesmo!**”, ou seja, o locutor considera verdadeiro o conteúdo do enunciado.

Charge N°3



<http://profwalber.blogspot.com.br/2011/11/charge-racismo.html> Acesso em 13/09/2014

Esta charge de Pestana mostra uma temática recorrente no nosso país, “o racismo”. Observamos uma família de raça negra que parece ser de classe média baixa, a mãe está na cozinha trabalhando, o pai está assistindo televisão e a filha está sentada do lado do pai assistindo televisão e conversando. O rosto da menina parece triste, e as expressões da mãe e do pai parecem ser de surpresa misturada com tristeza. A menina negra tem o desejo de ser atriz, porém, ao perceber que na televisão brasileira as negras só interpretam papéis de empregadas domésticas, desiste da ideia.

Nesta charge o autor se utiliza primeiro de uma modalização quase asseverativa ao utilizar a expressão “**acho que**” o que não dá certeza absoluta de que a menina está falando algo no que ela acredita mesmo. Logo aparece a modalização deôntica volitiva na expressão “**não quero**” no sentido que apresenta o conteúdo do enunciado como um

desejo ou uma vontade de não ser atriz. E por último aparece a modalização deontica de obrigatoriedade ao ser utilizado o verbo “**ter**”, obrigatoriamente vai ter que lavar, passar, servir. Observamos também nesta frase “**se for pra ter que lavar, passar, servir eu trabalho aqui mesmo**” a modalização avaliativa porque o locutor se compromete, uma vez que julga, avalia, e/ou emite um ponto de vista em relação ao enunciado. Vemos claramente uma crítica contra o racismo na televisão, se for para realizar tarefas domésticas na televisão, então é melhor fazer isso na própria casa, como o faz a mãe da menina.

Algumas considerações

Podemos afirmar que no gênero textual/discursivo charge a modalização se faz presente mais intencionalmente que em outros gêneros, principalmente devido às características da charge, na qual o autor tenta passar uma mensagem geralmente crítica e irônica chamando atenção para certos fatos, muitas vezes em forma de protesto ou para fazer refletir ao leitor.

A modalização se caracteriza pela maneira como o falante revela suas atitudes, seu posicionamento, seu julgamento em relação aos seus enunciados, de modo a chamar a atenção do leitor e levá-lo a aceitar a tese defendida por ele. Acredito que nenhum chargista elabora uma charge sem intensão, geralmente ele mostra os seus pontos de vista sobre determinado fato, e deixa as marcas de que acredita ou não em determinado suposto. Os modalizadores podem gerar diferentes efeitos de sentido nos leitores, porém, acreditamos que o autor tem intenções e essas intenções se constroem na interação verbal.

Como afirmado por Bown (apud Melo 2013, p.131,132), a análise argumentativa de gêneros textuais deve ser trabalhada na escola pelos professores de todas as disciplinas e não somente pelos professores de língua portuguesa, como costuma acontecer. O trabalho com o gênero charge permite o aluno fazer uma análise linguística tanto da linguagem verbal como não verbal e encontrar argumentos nas imagens. Na leitura da charge o sujeito é ativo, devido a que o sentido da charge não está acabado, mas, é construído no momento da interação. Por isso devemos expor nossos alunos a esse gênero tão rico.

Referencias Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl]. São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior)

_____. O problema do texto (1959-1961). In.: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992:327-358

BOWN, Ruth. A argumentação no gênero charge. Em *Linguagem, educação e tecnologias: Implicações para o ensino*. Melo et al. (org.). Joao Pessoa. Editora da UFPB, 2013.

CASTILHO, Ataliba e **CASTILHO**, Célia. Advérbios modalizadores. Em *Gramática do português falado*. Ilari, Rodolfo (org.). Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, 2002.

DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación*. Conferencias del seminário Teorías de la Argumentación y Análisis del Discurso. Universidad del Valle-Cali, 1988.

ESPINDOLA, Lucienne. *A charge no ensino da língua portuguesa*. Letr@ Viv@ UFPB. 2001

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13ª edição, São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luis Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. *Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

NASCIMENTO, Erivaldo e **DA SILVA** Joseli Maria. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. Em *A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2012.